

# MARCADORES DISCURSIVOS COM VERBOS DE PERCEPÇÃO VISUAL SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Igor Araújo Dantas (UESB)

[igor.dantas09@gmail.com](mailto:igor.dantas09@gmail.com)

Valéria Viana Sousa (UESB)

[valerianavasousa@gmail.com](mailto:valerianavasousa@gmail.com)

## RESUMO

Objetivamos, neste estudo, analisar o processo de construcionalização dos marcadores discursivos com base verbal de percepção visual, considerando os verbos *ver* e *olhar*. Para isso, analisamos, na íntegra, 24 entrevistas de informantes de Vitória da Conquista. Dessas entrevistas, 50% correspondem ao *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e 50% ao *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC). Este trabalho, teoricamente, ancora-se na Gramática de Construções (GC), especificamente na Linguística Funcional Centrada no Uso. A GC postula, baseado nas palavras de Goldberg (2006) e Langacker (2008), que a língua é constituída do pareamento forma-significado (construções) organizadas em rede. Assim, interessa-nos, nesta pesquisa, analisar como esses pares são formados nos marcadores discursivos (MDs). Concluímos que os MDs analisados desempenham uma função diferente da prototípica dos verbos que o constituem, a exemplo de *fitar os olhos em algo*, funcionando, nesse novo padrão, como facilitadores do processo discursivo. No que tange à forma, esse grupo de palavras apresenta uma nova forma em relação à forma prototípica considerando, por exemplo, a independência sintática própria dos MDs.

## Palavras-chave:

Verbos. Marcadores discursivos. Gramática de construções.

## ABSTRACT

In this study, we aim to analyze the process of constructionalization of discursive markers with verbal basis of visual perception, considering the verbs to see and to look. For this, we analyzed, in full, 24 interviews with informants from Vitória da Conquista. Of these interviews, 50% correspond to the corpus of *Português Popular de Vitória da Conquista* (corpus PPVC) and 50% to the corpus of *Português Culto de Vitória da Conquista* (corpus PCVC). This work, theoretically, is anchored in the Construction Grammar, specifically in the Use Based Linguistic (*Linguística Funcional Centrada no Usouin* portuguese). The GC postulates, based on the words of Goldberg (2006) and Langacker (2008), that language is constituted by the form-meaning pairing (constructions) organized in a network. Thus, in the research, we are interested in analyzing how these pairs are formed in discursive markers. We conclude that the analyzed Discursive Markers perform a different function from the prototypical role of the verbs that constitute them, such as look at something, functioning, in this new pattern, as facilitators of the discursive process. Whit regard to form, this group of

words presents a new form in relation to the prototypical form considering for example, the syntactic independence of Discursive Markers.

**Keywords:**

**Verb. Construction grammar. Discursive Markers.**

## ***1. Introdução***

O grupo de palavras que denominamos marcadores discursivos, doravante MDs, é caracterizado, no dicionário de Análise do Discurso, como uma série de elementos verbais e não verbais, característicos das situações de interação, e que desempenham um papel de “sinalização”.

Nos compêndios da área, há uma diversidade de abordagens no tratamento do que denominamos marcadores discursivos. Sambranna (2017) argumenta, ainda, que, no curso da história, existe uma variedade de definições e características dos elementos que compõem o que agrupamos ora na categoria gramatical dos MDs. Interessamos, diante desse primeiro problema, compreender como os marcadores discursivos são mencionados na tradição gramatical e na tradição linguística. Após isso, buscamos, atentos aos marcadores discursivos com base verbal perceptivo-visual, investigar o processo de construcionalização desses MDs por meio de análises de dados de entrevistas selecionadas no *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista – PCVC e no *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista – PPVC.

Para investigar o processo de construcionalização, baseamos nosso arcabouço teórico na abordagem da Gramática de Construções que abrange princípios funcionalistas e cognitivos. Considerada relativamente nova nos estudos linguísticos, com o surgimento na década de 1980, a abordagem da Gramática de Construções possui uma diversidade de variantes. Pinheiro (2016) apresenta dois grandes caminhos que segmentam essas variantes: a gramática de construções unificacionistas, associado ao formalismo e análises mais sistêmicas das construções, e a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), cujos princípios abrangem a análise sob a língua em uso, com base no Funcionalismo Clássico, e, também, o caráter psicológico dos modelos analisados, baseado no cognitivismo.

Por meio da segmentação apresentada por Pinheiro (2016), destacamos que nossa pesquisa fundamenta-se, teoricamente, na GCBU, especificamente em uma das suas variantes: a Linguística Funcional Centrada

no Uso, doravante LFCU, termo desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática da Universidade Federal Fluminense.

Posto a discussão sobre o aporte teórico que embasa nossa pesquisa, cabe-nos analisar os marcadores discursivos que compõem o grupo de palavras que caracterizam nosso objeto de estudo. No que tange aos marcadores discursivos, Penhavel (2012) destaca que esse fenômeno vem ganhando força nos estudos linguísticos nas últimas décadas com diversas pesquisas sobre o tema, contudo, ressalta o linguista, há, entre esses estudos, o uso de diferentes abordagens teóricas. O que traz, por um lado, aspectos positivos, pelo cabedal de diversos pontos de vistas sobre os marcadores discursivos; mas, também, por outro lado, o aspecto negativo de, quiçá, estarmos diante de uma dificuldade de sistematização entre as diversas abordagens teóricas. Entre as várias abordagens teóricas, Penhavel (2012) aponta os estudos de Blakemore (1987; 2012), sob a abordagem da pragmática, enfatizando a teoria da relevância (SPERBER; WILSON 2006); a de Fischer (2000, 2006b), com base na Análise da conversação; e o trabalho de Risso, Silva e Urbano (2002; 2006), no âmbito da Gramática Textual-Interativa, orientações teóricas também seguidas por nós neste artigo.

Expostas as concepções que norteiam a nossa investigação, além da presente *Introdução*, estruturamos este artigo em cinco (5) seções, a saber: inicialmente, em *Marcadores discursivos*, expomos o que versa a tradição gramatical e a tradição linguística acerca dos MDs; Em seguida, em *Gramática de Construções*, apresentamos o arcabouço teórico que conduzirá as nossas análises; em *Metodologia e Análise de Dados*, ilustramos, por meio dos nossos dados, o estudo sobre MDs; e, por fim, trazemos as nossas *Considerações finais*, seguidas das *Referências* utilizadas na pesquisa.

## **2. Marcadores discursivos**

Nas últimas três a quatro décadas, os estudos sobre marcadores discursivos têm ganhado ampla relevância nos estudos linguísticos. Tais estudos apontam para uma diversidade no que diz respeito às abordagens teóricas, o que reflete em uma dificuldade consensual em se estabelecer noções específicas sobre os marcadores discursivos (GUERRA, 2007; PENHAVAL, 2012; SAMBRANNA, 2017). Diante disso, objetivamos investigar, na tradição gramatical e nas abordagens linguísticas, o que tem sido discutido sobre o tema.

Considerando a natureza da categoria marcador discursivo, em ser formada a partir de determinados elementos linguísticos que passam a ser utilizados, na língua em uso, como outras funções além da sua função primeira (prototípica), esse não é um tema encontrado na tradição gramatical. A tradição gramatical, a rigor, se ocupa em prescrever as categorias gramaticais, considerando os usos prototípicos dos itens.

Assim, como era previsível, no que tange à tradição gramatical (CUNHA; CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1998; BECHARA, 2000), não localizamos prescrições explícitas acerca dos marcadores discursivos, nem mesmo utilizando outras nomenclaturas para a referência a esse fenômeno.

Nas abordagens linguísticas, localizamos, em Bagno (2011), uma referência ao “tá”, descrevendo-o como uma construção oriunda do verbo *estar* que sofreu erosão. A partir dessa explicação, o linguista classifica o “tá” como marcador conversacional (*tag question* no final de enunciados) e cita, como exemplo, “Me espera um minutinho, tá?” (BAGNO, 2011, p. 181). O linguista, ainda, cita que, após ter passado por um processo de gramaticalização, o “quer dizer” começou a funcionar na língua, também como um marcador discursivo, servindo ao interlocutor para a realização de uma revisão ou mesmo de uma confirmação do que foi dito.

Risso, Silva e Urbano (2006) destacam a variedade de estudos linguísticos e, também, diferenças em relação à denominação dessa classe de palavras. Esses linguistas observam que não há consenso quanto à determinação da natureza e propriedades dos marcadores e, a partir disso, os autores objetivam estabelecer traços comuns aos MDs e, assim, estabelecer matrizes básicas de traços que constituem esses grupos de palavras. Adiante, segue a tabela com as variáveis e seus respectivos traços estabelecidos pelos pesquisadores. Vejamos:

Tabela 1: Variáveis e traços dos marcadores discursivos.

VARIÁVEL	TRAÇOS
Padrão de recorrência	traço 1: 0 a 3 vezes baixa ocorrência; traço 2: de 4 a 9 vezes média frequência; e traço 3: de 10 em diante alta frequência
Articulador de segmento do discurso	traço 0: não-sequenciador, traço 1: sequenciador tópico e traço 2: sequenciador frasal.
Orientação da interação	traço 0: fragilmente orientador, traço 1: secundariamente orientador e traço 2: basicamente orientador.
Relação com o conteúdo proposicional	traço 0: não-exterior ao conteúdo, traço 1: exterior ao conteúdo e traço 2: não se aplica.

Transparência semântica	traço 0: opaco; traço 1: parcialmente transparente; traço 2: totalmente transparente; e traço 3: não se aplica.
Apresentação formal	traço 1: forma única; e traço 2: forma variante.
Relação sintática com a estrutura oracional	traço 0: sintaticamente dependente e traço 1: sintaticamente independente.
Demarcação prosódica	traço 0: sem pauta demarcativa e traço 1: com pauta demarcativa.
Autonomia comunicativa	traço 0: comunicativamente não-autônomo e traço 1: comunicativamente autônomo.
Massa fônica	traço 1: até três sílabas tônicas; e traço 2: além de três sílabas tônicas.

Fonte: Elaboração dos pesquisadores com base nas variáveis propostas por Risso, Silva e Urbano (2006, p. 406-13).

Risso, Silva e Urbano (2006) relatam que a apuração de dados referente às dez variáveis levou a apreensão de determinados traços fortes aplicáveis aos marcadores discursivos. São eles: alta recorrência, exterioridade ao conteúdo proposicional, transparência semântica parcial, invariabilidade formal ou variabilidade restrita, independência sintática, demarcação prosódica, não autonomia comunicativa e massa fônica reduzida. Não obstante, os pesquisadores observaram a estabilidade dos seguintes traços: exterioridade dos MDs em relação ao conteúdo proposicional, independência sintática e falta de autossuficiência comunicativa.

Os traços fortes aplicáveis aos marcadores discursivos identificados pelos autores formam uma espécie de núcleo-piloto estável e centralizador do ponto de integração homogênea do conjunto de MDs. Vale destacar que esses traços são fundamentais para diferenciar uma classe discursiva de uma classe gramatical, por exemplo. Em outras palavras, esses traços possibilitam diferenciar o *olha*, enquanto marcador discursivo, do *olha* verbo. Risso, Silva e Urbano (2006) destacam, ainda, que a classe dos marcadores discursivos ocorre em um *continuum*, de modo que há possibilidade de variedade de traços no preenchimento de MDs. Entre esse *continuum*, há os MDs prototípicos que carregam integralmente os traços das matrizes-padrão e os MDs não prototípicos que são elementos menos típicos e regulares.

Ainda nas pesquisas de natureza linguística, trazemos Marcuschi (2003), que defende que os recursos que operam como Marcadores Conversacionais formam uma classe de palavras estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência e que aparecem em várias posições em uma situação comunicativa: quer seja na troca de falantes, quer seja na mudança de tópico, quer seja nas falhas de construção por exemplo.

Marcuschi (2003), em seus estudos, subdivide os marcadores conversacionais em supra-segmentais, não verbal e verbal. Os marcadores conversacionais supra-segmentais dizem respeito a recursos de natureza linguística, como a entonação e a cadência. Já o não verbal envolve recursos como o manejo de cabeça e o riso, e, na concepção do linguista, são fundamentais na interação face a face, pois mantêm, estabelecem e regulam o contato.

Neste trabalho, fizemos a opção em focalizar os marcadores conversacionais verbais. O pesquisador destaca que os marcadores conversacionais verbais desempenham funções conversacionais, considerando os sinais dos falantes e ouvintes, e sintáticas. Sobre as funções sintáticas, o linguista revela que os marcadores conversacionais podem ser responsáveis tanto pela sintaxe da interação como pela segmentação da estrutura linguística. Segundo Marcuschi (2003) estes marcadores marcam sintaticamente as unidades conversacionais (UCs)<sup>1</sup> quando co-ocorrem com pausas, correções, elipses etc. Isso aponta uma ligação entre sintaxe da interação e sintaxe gramatical. É válido acrescentar, ainda, que esses marcadores produzidos pelos falantes aparecem em vários lugares das UCs.

Tavares (1999) também destaca que não existe um consenso acerca dos marcadores discursivos e que são diversas as funções e formas apontadas como marcadoras, ocasionando em uma definição confusa e em um grupo de palavras bastante diversificado como um “saco de gatos”. A autora sinaliza uma possível divisão entre as funções de organização textual e interação dialógica em que na primeira função estariam os conectores e na segunda função os MDs. Segundo Tavares (1999), o rótulo de MDs é definido para designar palavras, expressões e sons lexicalizados que têm um papel de destaque na interação dialógica ou no controle de fluxo discursivo.

Por fim, considerando a diferença de nomenclatura empregada por diferentes linguistas, optamos, em nossa pesquisa, por prosseguir com o termo marcador discursivo. Pois, como defendem Rizzo, Silva e Urbano (2006), o termo marcador discursivo parece ser mais abrangente que os marcadores conversacionais, uma vez que este último parece sugerir, de forma inadequada, um comprometimento exclusivo com a língua. E, com relação à compreensão dos MDs, nos afinamos à Tavares (1999), reco-

---

<sup>1</sup> Unidade tomada por Marcuschi (2003) com base em Rath (1979) como substituto conversacional para frase.

nhecendo-os como protagonistas em uma evento interativo e compreendemos que podemos realizar uma subcategorização desses, observando as conexões que, por vezes, realizam. Realizada uma apresentação sobre MDs, passemos a teoria que norteará a nossa análise.

### 3. *Gramática de construções*

A gramática de construções constitui um aparato teórico consideravelmente novo em nosso país. Assim, é necessário compreender algumas concepções fundamentais como a noção de língua, gramática e outros conceitos que essa abordagem traz.

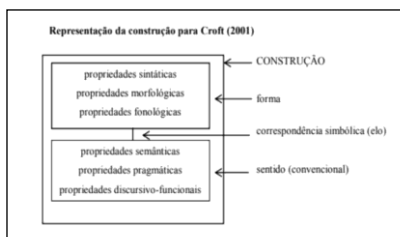
De acordo os pressupostos da Gramática de Construções, sob uma perspectiva sincrônica, a língua é constituída de pareamentos forma-significado, as chamadas construções, organizadas em rede. Além disso, nessa abordagem, a língua é considerada como uma rede de nós ligada por elos; essa rede é dinâmica e novos elos e novos nós são estabelecidos continuamente.

Prosseguindo, uma vez que consideramos a língua como uma rede de nós ligada por elos, há de se definir alguns pontos, como nós e elos entre eles e o conceito de construção, que, em nossa pesquisa, se constitui um ponto nuclear. Assim, baseamo-nos em referências internacionais como Goldberg (2001), Traugott e Trousdale (2013), dentre outros, e grandes pesquisadores nacionais, como Furtado da Cunha, Oliveira e Martellota (2003).

Uma vez que abordamos o conceito de língua sob a abordagem da Gramática de Construções, cabe-nos, agora, definir a concepção de construção. Conforme Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2017) abordam:

As construções são tomadas como unidades simbólicas convencionais (LANGACKER, 1987; CROFT 2005): convencionais porque são compartilhadas por uma grupo de falantes; simbólicas porque são signos, associações relativamente arbitrárias de forma e significado; unidades porque algum aspecto do signo é tão idiossincrático (GOLDBERG, 1995) ou tão frequente (GOLDBERG, 2006) que ele é estabelecido como um pareamento forma significado na mente do usuário da língua. Estamos diante de uma construção sempre que há evidências de que os falantes não podem prever algum aspecto da forma, da função ou do uso desse elemento com base em outro conhecimento da língua, isto é, em outra construção preexistente. (FURTADO DA CUNHA; CUNHA LACERDA, 2017, p. 20)

Inclusive, há, na abordagem construcional, modelos de construções. Por exemplo, vejamos a seguir para uma melhor compreensão a clássica representação da construção para Croft (2001):



Fonte: Croft (2001, p. 18).

Segundo essa representação construcional, na propriedade de forma, temos as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas. Por sua vez, os componentes de sentido envolvem as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. A forma e o sentido, ou função ou significado, correspondem a polos da construção e esses polos são ligados por uma correspondência simbólica que são os elos. Porém, conforme lemos em Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2017), a forma e significado não se encontram em um mesmo nível e, assim, a forma acaba se estabelecendo em função do significado.

Retomando, relatamos, brevemente, o que é a gramática de construções, a concepção de língua para essa abordagem e que a língua é formada por construções. Cabe-nos, agora, considerar, com base nos estudos de Traugott e Trousdale (2013) que existem três fatores de construcionalidade, a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Com base em Traugott e Trousdale (2013), a esquematicidade é subdividida em microconstrução, subesquema e esquema. As microconstruções envolvem construções individuais que já se encontram convencionalizadas e produtivas na língua como o MD *olha*. Os subesquemas envolvem o conjunto de similaridade que é observável em diferentes construções individuais como é o caso do nosso objeto de estudo  $V_{pv}(X)^{md}$ . Por seu turno, os esquemas abrangem uma construção mais genérica, envolvendo estruturas diversas com opções de preenchimento como é o caso dos marcadores discursivos em geral.



No que concerne à composicionalidade, tem-se que esse fator trata diretamente do nível de transparência de ligação entre forma e significado. Caso o interlocutor compreenda o significado de cada item individualmente, depreende o significado do todo, e, portanto, considera-se mais composicional. Caso não haja correspondência entre o significado de cada item e o significado do todo, dizemos que é menos composicional. Inclusive, quando a depreensão do significado ocorre por meio de todas as partes do item, dizemos que ocorreu um *chunk*: materialização das palavras encadeadas, as quais formam um todo significativo (NEWEEL, 1990). Por exemplo, no MD *olha só*, ocorre o *chunk*, pois o significado dessa construção não é depreendido pelas partes verbo + advérbio, mas sim pelo todo significativo que compõe o MD.

Por fim, temos a produtividade, que se associa à noção de frequência. Aqui, cabe mencionar Bybee (2003) que sugere duas propostas de frequência: A frequência token (ocorrência), que diz respeito à quantidade de vezes que um item aparece em um *corpus* de investigação; ea frequência type (padrão), que indica a quantidade de itens que possui uma determinada estrutura, designando se será um esquema produtivo ou não.

#### **4. Metodologia**

Em nossa pesquisa, ancoramo-nos teoricamente nos pressupostos da Gramática de Construções, mais especificamente, na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Conforme descrevemos, essa abordagem considera a análise de modelos tendo em vista a língua em uso. Vieira e Sousa (2020) apontam que na LFCU o sistema linguístico é entendido como um meio que reflete a necessidade comunicativa do falante. Desse modo, é por meio da língua que os indivíduos se expressam, influenciam e são influenciados em uma troca (inter)subjéctiva, considerando os contextos reais de comunicação. Nessa abordagem, a língua e a gramática são vistas como emergentes (HOPPER, 1987) devido ao carácter social e mutável, fruto daquilo que emergiu no discurso.

Assim posto, utilizamos uma abordagem metodológica quantitativa de cunho qualitativa. Primeiramente, buscamos analisar uma série de entrevistas dos *corpora* armazenados na biblioteca do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo- Grupo Janus. Precisamente, investigamos 12 entrevistas do *corpus* do Português Culto de Vitória (*Corpus* PCVC) da Conquista e 12 entrevistas do Português Po-

pular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC). Após isso, buscamos identificar e quantificar as ocorrências encontradas e, em seguida, realizamos a discussão dos dados.

Na Tabela 2, podemos perceber os resultados obtidos na análise quantitativa.

Tabela 2: Dados obtidos dos *corpora* do PPVC e PCVC.

TYPE	TOKEN
Ó	37
Olha	34
Olha só	10
Óia	6
Olhe	4
Ói	1
Viu	1

Fonte: autoria própria.

A partir dos dados obtidos, propusemo-nos a investigar, com base na abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso, o processo de construcionalização ou mudança construcional presente nos MDs, bem como investigar se tais MDs carregam os principais traços que compõem o núcleo-piloto dessa classe de palavras com base em Risso, Silva e Urbano (2006).

## 5. *Análise dos corpora*

A nossa pesquisa, conforme já mencionamos, diz respeito à análise de marcadores discursivos com verbos de percepção visual *olhar* e *ver* sob uma abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso. Assim, podemos configurar o nosso objeto de pesquisa, com base em Sambranna (2017), como o subesquema  $V_{pv}(X)^{md}$ , considerando o modelo hierárquico proposto por Traugott e Trousdale (2013).

O  $V_{pv}(X)^{md}$  é um subesquema, pois é um nível intermediário em que se observa similaridades semânticas de diversas microconstruções, que são um nível abaixo na hierarquia construcional, como *olha* e *ó*. Por sua vez, existe um nível acima, o esquema, que envolve um grau de abstração maior e comporta os diversos marcadores discursivos além dos observados por nós nessa pesquisa. Dito isso, o  $V_{pv}(X)^{md}$  é composto por até dois slots (possibilidades de preenchimento). No primeiro slot de nosso objeto,  $V_{pv}$ , diz respeito às palavras de base perceptivo-visual o-

*lhar e ver*. Por seu turno, no segundo slot, (X)<sup>md</sup>, há o preenchimento de palavras adverbiais. Por fim, em nosso objeto de pesquisa, é observável um conjunto de similaridades em diferentes construções individuais do subesquema V<sub>PV</sub> (X)<sup>md</sup>. Essas construções a qual nos referimos são as chamadas microconstruções, como é o caso de *olhe aqui e olha*.

Prosseguindo, reiteramos que nossa pesquisa se encontra em pleno desenvolvimento e a análises de dados ainda estão em andamento. Por isso, demonstraremos, aqui, um primeiro movimento analítico, uma vez que não temos a análise completa. Com isso, obviamente, os dados e a conclusão se mostram, ainda, incipientes.

Para a análise de dados da nossa pesquisa, utilizamos o *Corpus* do PCVC, Português Culto de Vitória da Conquista, e PPVC, Português Popular de Vitória da Conquista, desenvolvido pelo grupo JANUS de pesquisa sociolinguística. Vejamos três ocorrências:

- (1) DOC: E... em relação as músicas de hoje em dia, qual a sua avaliação sobre elas?  
INF: Você quer que eu seja sincero mesmo?  
DOC: Com certeza  
INF: Uma POR-CA-RIA {risos}  
DOC: Porque?  
INF: **Olha só...** as músicas de hoje em dia não tem... letra... é um verdadeira baxaria... usampalavras... de duplo sentido, de baixo escalão né, eh... além de... de não... num ter... não tem...alem de não ter a letra num tem também ... (Informante R.F.V. do *corpus* PCVC)

Em um primeiro momento, se analisássemos superficialmente a ocorrência *olha só* teríamos que *olha* corresponde a terceira pessoa do singular do modo indicativo e *só* é um advérbio. Porém, é necessário, pautados na LFCU, destacarmos um fator de construcionalidade, a composicionalidade. Na ocorrência analisada, o significado das partes, ou das construções *olha* e *só* não é compreendido isoladamente. Em outras palavras, existe um encadeamento entre as partes da construção de forma que o significado é depreendido pelo todo, havendo, assim, uma perda de transparência semântica.

Pragmaticamente, a ocorrência *olha só* representa um apelo à atenção por parte do interlocutor em compreender os motivos que o levou a considerar as músicas contemporâneas como sendo uma porcaria. Discursivamente, essa ocorrência marca a posição do falante na interação do discurso.

No que diz respeito ao polo da forma, na ocorrência *Olha só*, podemos observar que (i) Fonologicamente, pode ser representada como um único bloco [oʎasɔ], (ii) Morfologicamente, há a perda da base verbal referente à segunda pessoa do singular e (iii) Sintaticamente, há uma independência sintática, o que é comum aos marcadores discursivos.

Com isso, constatamos alguns traços observáveis aos MDs apresentados por Risso, Silva e Urbano (2006) como independência sintática e orientação de interação. Tais traços diferem essa classe de palavras da classe dos verbos, por exemplo.

(2) DOC: Mais tem a questão de... da necessidade as vezes que os pais tem de colocar os filhos pra trabalhar pra ajudar na renda familiar então como é que você acha que isso pode ser equilibrado, como é que isso pode ser resolvido assim que que você acha, qual é sua opinião sobre isso?

INF: **Olha** a... tem a questão realmente financeira né... que é as vezes os pais passam por dificuldade e acaba colocando as cria... os filhos pra eh... poder trabalhar eu não acho correto porém é uma necessidade que eles... que as famílias brasileiras acabam enfrentando né... eh... eu vejo que num é uma forma certa mais fazer o que né? (Informante R.F.V. do corpus PCVC)

Na ocorrência (2), a microconstrução *olha* é composta apenas pelo slot  $V_{pv}$ . A outra possibilidade de preenchimento,  $(x)^{md}$ , não foi realizada. A ocorrência (2) demonstra que o Marcador Discursivo desempenha sua macrofunção de orientação dialógica. Após ser questionado pelo documentador, o informante inicia o turno da fala com o marcador discursivo a fim de, por meio de um tempo maior, organizar as argumentações sobre a conciliação entre emprego e escola. Conforme aponta Risso (1999), o sentido prototípico de *olha* enquanto *fitar as vistas em algo* é substituído por um outro envolvimento sensorial-cognitivo associado ao ato de facilitar o processamento do discurso.

(3) E\*: A senhora nunca estudou, mas a senhora fala muito bem. Com quem que a senhora aprendeu a falar assim tão bem? Foi no grupo da igreja?

I\*: A igreja ajuda muito **viu**, foi a CEBs que me ajudou, Deus em primeiro lugar e segundo a CEBs, porque a gente tinha muito encontro no meio de multidão ... (Informante M.C., do corpus PPVC)

Na ocorrência (3), temos a presença de um outro verbo de natureza perceptivo-visual, o verbo *ver* e a realização dele por meio da microconstrução *viu*, que é composta pelo slot  $V_{pv}$ . Observamos, aqui, que o item destacado funciona como um recurso de chamamento de atenção por parte do falante em relação ao ouvinte para sustentação do turno

iniciado (MARCUSCHI, 2003) e funciona, também, nesse contexto em particular, para que a ouvinte defenda a posição de que a igreja ajuda para um melhor jeito de se expressar, conforme hipótese aventada pela interlocutora. É possível observarmos que, após a realização da MD, a informante ratifica que foi a CEBs que a ajudou, deixando claro, assim, mais uma vez, a sua posição em relação à pergunta da entrevistadora.

Com isso, a construção *viu* desempenha uma função diferente da prototípica verbal, conforme orientação da interação característica dos marcadores discursivos. Além disso, constatamos que, no polo da forma, há uma entonação diferenciada característica dos MDs, conforme destaca Sambranna (2017), e que essa diferença entoacional contribui para a sintaxe da orientação apresentada por Marcuschi (2003) que envolve diversos recursos como a pausa.

## 6. Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, propusemo-nos investigar o processo de construcionalização de marcadores discursivos com base verbal perceptivo-visual. Para isso, analisamos o que versa a tradição gramatical e a linguística sobre o grupo de palavras consideradas como marcadores discursivos. Ainda, baseamo-nos nos, teoricamente, nos princípios da Linguística Funcional Centrada no Uso para embasar nossa pesquisa cujos dados foram extraídos dos *corpora* do PPVC e PCVC. Assim posto, conseguimos visualizar alguns aspectos bastante relevantes, a saber:

- (i) Os marcadores discursivos com base verbal perceptivo-visual desempenham uma nova função diferente da função prototípica dos verbos *ver* e *olhar*, (função de *fitar os olhos em algo*);
- (ii) Os MDs funcionam como um suporte textual discursivo para orientação e facilitação do processo do discurso por meio de sequenciamento tópico ou orientação de discurso como é o caso MD *viu* na ocorrência (3);
- (iii) No que tange à forma dos marcadores discursivos, considerando a representação de construção de Croft (2001), as microconstruções analisadas apresentam uma nova forma diferente da prototípica;
- (iv) Com relação à autonomia sintática, um dos traços fortes dos MDs, conforme Rizzo, Silva e Urbano (2006), pode ser visua-

lizado em nossa pesquisa por meio da ocorrência (2) em que o MD *olha* é sintaticamente independente do segmento discursivo. Tal independência é explicitada por meio do recurso de pontuação reticências;

- (v) E, por fim, se tomarmos como exemplo a ocorrência (1), verificamos que o significado do todo perde sua transparência semântica. Em outras palavras, o significado de *olha só* não é apreendido pelas partes individuais *olha* + *só*, mas, sim, do entricheiramento, chunk, de modo que o significado só é compreendido pelo todo. O mesmo ocorre no polo da forma. Ainda que ortograficamente estejam separados, fonologicamente, a ocorrência em (1) é um bloco só [o'laso']; e sintaticamente, *olha só* é independente do enunciado discursivo.

Assim posto, podemos afirmar que há um processo de construcionalização ocorrendo nos marcadores discursivos de base perceptivo-visual, no qual há a criação de um novo pareamento forma e função, conforme descrito por Traugott e Trousdale (2013). Dando continuidade a essa pesquisa, investigaremos o padrão de uso dessas construções em análise.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo. Contexto, 2004.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. Gramática de Construções: Princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZARIO, Maria Mauro. *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Eduff, 2017.
- GUERRA, Alessandra Regina. Funções textual-interativas dos marcadores discursivos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2007. 233f.
- HOPPER, P. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society*, v. 13, p. 139-57, 1987.

MARCUSHI, Luiz Antonio. Marcadores Conversacionais. In: \_\_\_\_\_. *Análise de Conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 61-74

OLIVEIRA, Mariângela; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015.

PENHAVEL, Eduardo. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum?. *Revista (CON)TEXTOS Linguísticos*, v. 6 n. 7, p. 78-98, Vitória-BA, 2012.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P.T.; FERRARI, L. (Orgs). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural. 2016.

SAMBRANNA, Vania Rosana Matos. *Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem Construcional*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, 2017.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura bom, bem, olha, ah, no português culto falado. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português falado*. Campinas: Humanitas FFLCH/USP, 1999. p. 259-97

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Célia Cândida Abreu Spinard; KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas-SP. Unicamp. 2006. p. 403-26

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariângela. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, 60 (2): 233-59, São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_; LOPES, Monclar Guimarães. *Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica*. 2019.

TAVARES, Maria Alice. *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. 1999.

TRAUGOTT, Elizabeth Cross; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIEIRA, C. A.; SOUSA, V. V. A confluência entre o funcionalismo e a gramática de construções: um estudo sobre as construções comparativas no português brasileiro. *Estudos da Língua(gem)*, v. 18, n. 1, p. 5-24, Vitória da Conquista, 2020. Disponível em <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6048/4688>. Acesso em: 20 de Julho de 2021.